



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

5 DE JULHO DE 1977.

IMPROVISO NO PALACIO DO PLANALTO, POR OCASIAO DA VISITA DOS MEMBROS DO CONSELHO FEDERAL DE EDUCACAO E DO CONSELHO DE REITORES.

Agradeço a visita dos senhores, bem como as palavras que ouvi dos intérpretes do Conselho Federal de Educação e do Conselho de Reitores.

Devo dizer-lhes que o problema da educação é preocupação permanente e básica do Governo. Acredito que o patrimônio mais valioso que o Brasil tem é a sua mocidade. São as crianças e os moços que vão fazer o Brasil de amanhã. E nós temos a responsabilidade de prepará-los para isso: nós, Governo, Ministério da Educação e Cultura, os reitores, os professores das universidades, os professores dos primeiro e segundo graus. Todos os escalões do Governo têm que se empenhar nesse problema. O fracasso nesse nosso trabalho redundará no prejuízo da nossa nacionalidade no futuro.

Eu acredito que esses jovens e essas crianças são bem dotados, e que os sentimentos que abrigam são honestos. É claro que como jovens têm seus arroubos, seus idealismos e falta de experiência. Por isso, cabe a nós não só instruí-los, mas educá-los. Este é um dos aspectos que eu considero mais importantes na vida do professor. Este não é apenas um transmissor de conhecimentos científicos e tecnológicos, mas é, sobretudo, um educador. Ele tem que dar assistência permanente aos seus alunos.

Por isso nós nos empenhamos em formar o professor de dedicação integral e não apenas um professor que vai passar uma hora na universidade ou na escola e que não tem contato maior com seus alunos. O problema é difícil porque depende extraordinariamente de recursos financeiros e humanos.

Nós temos trabalhado no sentido de dar ao Ministério da Educação e Cultura cada vez mais recursos financeiros. Talvez seja o Ministério que no meu Governo mais tenha crescido em dotações.

Nós nos preocupamos com a formação de bons professores, através de cursos de pós-graduação; desejamos, tanto quanto possível, remunerá-los melhor.

Acredito que estas duas preocupações, de meios financeiros de um lado, e de meios humanos de outro, vão nos ajudar a resolver o problema, dentro das dificuldades naturais de um País que é muito grande, que tem uma infra-estrutura inteira para construir e que tem uma população que cresce a uma taxa elevada. Quanto mais escolas se constróem, mais escolas novas são necessárias; é um problema que não se esgota em nenhum Estado da Federação. E felizmente. Se tivéssemos uma população estacionária ou uma vida estagnada não teríamos o que temos. O que nos destaca em relação a uma série de outros países do mundo é que nós temos realmente um futuro. Mas um futuro é preciso saber construí-lo. É o que nós estamos procurando fazer.

Há uma dificuldade extraordinária em estabelecer um adequado equilíbrio entre o ensino do primeiro e segundo graus e o ensino superior. Como sempre, o problema se complica porque os meios são insuficientes. Crescemos desmesuradamente na parte do ensino superior. Aí está uma preocupação que é minha, do Ministro, e que eu sei que é do Conselho Federal de Educação. Houve uma enorme quantidade de cursos novos que nós regularizamos nestes três anos. Há necessidade de verificar a conveniência e a oportunidade de adaptar o nosso ensino superior às reais necessidades do País como nós estamos fazendo. Em nosso mercado de trabalho nós temos, hoje em dia, formados em cursos superiores que se frustram porque não encontram no país condições de aplicar aquilo que aprenderam, ou porque nós ainda estamos nos estágios iniciais do nosso desenvolvimento, ou porque o que eles aprenderam realmente não corresponde àquilo de que o País precisa. Essa adaptação é uma preocupação permanente. O ensino superior não visa apenas a dotar um indivíduo e atender às suas aspirações naturais; ele tem que ter em vista, também, o interesse do País. É um trabalho grande, que exige muitas vezes reorientação e evidentemente encontrará muitas resistências, mas que paulatina e progressivamente estamos realizando.

Outra preocupação básica é a que o presidente do Conselho Federal de Educação referiu há pouco: é preciso saber conciliar a disciplina e a ordem com a liberdade. Não se pode tolher a liberdade, mas

também não se pode permitir a anarquia. Aí está, novamente, o papel do educador como está o papel dos pais de família.

Temos que trabalhar no sentido de que as Universidades e as escolas tenham rendimento. É preciso que os dirigentes se compenetrem da mentalidade de seus alunos e saibam orientá-los nos devidos caminhos, para que esse esforço que estamos fazendo, que o país inteiro faz, de juntar recursos para dar educação aos jovens, não seja esforço em vão, não seja esforço perdido.

Sei que os senhores todos, tanto quanto eu, devem estar imbuídos dessas idéias, no sentido de desenvolver um trabalho adequado para o nosso ensino. Creio que o que estou dizendo, talvez, lhes pareça óbvio e demasiadamente elementar; mas é o que eu penso com toda a sinceridade.

Quero dizer-lhes também que o Governo confia na ação dos senhores e está convencido de que, apesar de todas as deficiências, de todas as dificuldades que existem, nós progredimos. A crítica fácil sobre as deficiências do ensino brasileiro de hoje, devemos contrapor o quadro de ontem e verificar que realmente melhoramos. Se melhoramos, o nosso trabalho não foi em vão e temos aí um estímulo para melhorar cada vez mais.